

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMTE-SPONVILLE, A. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DUNN, J. *Locke*. São Paulo: Loyola, 2003.

FILOSOFIA. Disponível em: <http://afilosofia.no.sapo.pt/12lockeObra.htm>. Acesso em: 21 set. 2004.

LEITE FILHO, T. da G. *Religiões e seitas*. Campinas- SP: Centro de Estudos Teológicos, 2003.

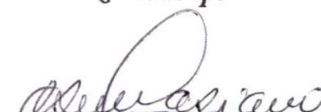
LOCKE, J. *Carta sobre a tolerância*. Lisboa: Edições 70, 1987.

LOCKE. Disponível em: <http://www.consciencia.org/moderna/locke.shtml>. Acesso em: 07 jul. 2004.

LOCKE. Disponível em: <http://nossocurso.hpermart.net/evol/locke.htm>. Acesso em: 16 jun. 2004.

MORA, J. F. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

Revisado por


Elia Romano do Amaral Mariano
-Bibliotecária - FACER
CRB-1/1528

CONCLUSÃO

Falar sobre a tolerância é apresentar uma virtude pela qual venhamos a compreender os erros, falhas, limitações ou defeitos de si mesmo e dos outros.

Locke é um filósofo muito cuidadoso em seus estudos, que entre muitos ele destaca a necessidade de ser uma pessoa tolerável e tolerante. Ele acredita que na religião possa haver essa tolerância, a qual consiste em deixar a cada um a liberdade de exprimir as suas opiniões, mesmo quando não as partilhamos. Esta palavra tem a função de exprimir o respeito pelas crenças sob a sua forma característica de indicar que esse respeito deve estender-se até as opiniões que se reprovam, que se julgam falsas e perigosas.

Até onde sabemos, em nenhum momento de sua vida, Locke duvidou de que os homens conhecem, como uma verdade da experiência, seu dever para com Deus. Tampouco em nenhum momento de sua vida, ele supôs que fosse possível expor de maneira fácil e clara essa convicção sobre a tolerância.

A teoria de Locke fundamenta-se no uso racional da liberdade e a sua salvaguarda, que desde cedo começa a adquirir uma consciência filosófica profunda de si próprio. Ele era um profundo examinador da Bíblia e a examinava com muita objetividade, para ele cada pessoa é livre para cultuar e adorar a Deus de acordo com sua consciência. Ele acredita na existência de Deus, como um ser poderoso e perfeito dono de todo o universo.

Em “A carta sobre a tolerância”, Locke refere-se à importância na formação de um verdadeiro cristão, que é a tolerância recíproca. Onde cada um deve respeitar as opiniões contrárias às suas de forma mútua, pois se não houver esse respeito, os desentendimentos seriam maiores e inevitáveis. Havendo tolerância mútua entre os cristãos que participam de sociedades religiosas diversificadas.

As religiões devem preparar o amor e o respeito entre si, sendo a religião um caminho que se deve percorrer sentindo prazer em fazê-lo.

Muitas vezes os que compõem determinada religião são castigados e têm uma sorte injusta por causa da sua religião, mas não são costumes próprios de certas sociedades eclesiásticas e religiosas, e sim costumes comuns entre os homens que gemem sob o peso injusto de um jugo que pesa demasiadamente sobre sua cabeças.

Toda a questão se reduz a isto: quanto mais maltratados, mais insuportáveis são. Suprimi a injusta discriminação dos direitos, mudai as leis, suprimi a pena da tortura e tudo ficará protegido e em segurança; os que têm uma religião diferente da do magistrado pensarão que devem tanto mais contribuir para a paz no Estado quanto neste a sua condição for melhor do que em qualquer outra parte: todas as igrejas particulares em desacordo entre si serão como que guardiãs da paz pública (LOCKE, 1987, p. 120).

Ou seja, as igrejas controlarão suas leis e punições na busca por um controle que de acordo ao magistrado promova a paz no Estado. A verdadeira religião deve ser inimiga dessas discórdias assim como ela é inimiga das lutas, dos desejos terrenos, das ambições, da avareza, ela deve ser modesta e pacífica. Não é a multiplicidade de opiniões que causa divergências e sim a falta de tolerância, esta que deveria ser concedida a todos que defendem diversas opiniões, cuidando para que de forma alguma se misturassem duas coisas completamente diferentes: a igreja e o Estado.

“Deus queria que alguma vez se pregue o Evangelho da paz, que os magistrados civis se preocupem mais em se conformar com as leis de Deus e um pouco menos em escravizar a consciência de outrem por leis humanas” (LOCKE, 1987, p. 123).

E por fim ele acrescenta que os verdadeiros cristãos devem se preocupar mais com os conselhos verdadeiros promovendo uma real busca pela felicidade. E que os eclesiásticos que desejam realmente sucederem aos apóstolos, deixem de lado toda a política e se dediquem, consagrando-se apenas à salvação das almas, agindo na paz e com modéstia.

um não prejudica de forma alguma seu vizinho que não tem essa mesma crença, nem tão pouco altera seu direito civil. Uma pessoa não pode ser castigada por acreditar ou não nestas coisas, naturalmente isso não coloca em perigo nem o poder do magistrado nem os bens dos cidadãos; as leis não velam pela verdade das opiniões, mas pela segurança e integridade dos bens de cada um e do Estado.

Mas, vindo mais ao pormenor, digo que, o magistrado não deve tolerar nenhum dogma oposto e contrário à sociedade humana ou aos bons costumes necessários à conservação da sociedade civil. Mas tais exemplos são raros em qualquer igreja. Com efeito, os dogmas que claramente arruinam os fundamentos da sociedade são condenados pelo juízo do gênero humano; nenhuma seita levaria a loucura ao ponto de julgar que se devem ensinar dogmas em virtude dos quais os próprios bens, a paz e a reputação não estariam em segurança (LOCKE, 1987, p. 116).

Um mal, certamente mais escondido e perigoso para o Estado, é constituído por aqueles que se arrogam, para eles e para a sua seita, um privilégio particular e contrário ao direito civil, que cobrem e disfarçam com discursos especiosos. Dificilmente encontraremos pessoas que ensinam crua e abertamente e que não sejam fiéis à palavra dada. Por outro lado, é fácil encontrar pessoas que dizem a mesma coisa por outras palavras.

A igreja é um exercício de obediência em que cada um ao longo da vida deve passar e os que negam a existência de uma divindade não devem de maneira alguma tolerar-se.

Sabe-se que a palavra, o contrato e o juramento de um ateu não podem constituir algo de estável e de sagrado, pois são os vínculos da sociedade humana, que prova que ser suprimida a crença em Deus, tudo se desmorona.

As assembleias são o maior obstáculo à doutrina da tolerância, já que normalmente se tomam como fermento para intrigas entre as instituições, não em virtude da sua própria natureza, mas apenas pela infelicidade de uma liberdade oprimida ou mal estabelecida. Estas acusações imediatamente acabariam se se estabelecesse uma lei da tolerância mediante a qual todas as igrejas seriam obrigadas a ensinar e a pôr como fundamento da sua própria liberdade que os outros, ainda que diverjam de si em matéria de religião, devem tolerar-se e que ninguém deveria ser constrangido pela lei ou pela força no campo religioso.

outra religião ou praticar outros ritos, esses preceitos não devem nunca derivar de uma religião.

É importante que de uma forma saudável haja tolerância mútua entre os membros que participam de sociedades religiosas diversificadas e que assim se proceda também entre as religiões como um todo, pois nenhuma encontra-se no direito de impor-se a outra. Principalmente quando para isso é utilizada a violência em perseguições de toda a espécie. Os apóstolos devem passar a seus fiéis seus dois principais deveres que abrangem a paz e a benevolência para com todos os homens, quer estejam no erro ou na ortodoxia, a todos deve ser passado a caridade, a mansidão e a tolerância com o intuito de apaziguar e abrandar o seu ódio e o ardor.

Que os pregadores eclesiásticos de cada seita refutem e combatam os erros das outras tanto quanto possam com a força dos argumentos, mas que poupem os homens. Se o peso dos argumentos lhes faltar não recorram a instrumentos discordantes que não estão sob a sua alçada e não devem ser usados por eclesiásticos; nem recorram às insígnias e às achas do magistrado com medo que, em apoio da sua eloquência ou doutrina, não aconteça que ao ostentarem o amor da verdade, o seu zelo demasiado aceso pelo ferro e pelo fogo, se transforme em indício da sua ambição do poder. Não é fácil convencer homens cordatos de que desejamos ardente e sinceramente libertar o seu irmão, na vida futura do fogo do inferno, se, com os olhos secos e a alma satisfeita, o entregarmos vivo aqui na terra ao carrasco para ser queimado (LOCKE, 1987, p. 101).

Todo pregador deve em amor ter zelo para com os seus, é a sua função e é isso que se espera dele, mesmo que não seja uma tarefa fácil, eles devem fazer de sua argumentação uma ferramenta de apoio, e no uso da razão plantar a semente do amor e da caridade no coração de pupilos.

O evangelho não é algo que deva ser imposto, ele deve ser conquistado aos poucos nascendo do coração de forma lenta e cativante para que com o tempo a pessoa não venha ter o desejo de se desfazer dele. O caminho da verdadeira religião é um caminho que se deve percorrer sentindo prazer em fazê-lo. Nenhum caminho que se siga contra sua própria consciência lhe conduzirá à morada dos bem-aventurados.

Em se tratando do magistrado, sabemos que ele não deve proibir qualquer opinião especulativa defendida ou ensinada numa igreja qualquer, pois não se relacionam de modo algum com os direitos civis dos cidadãos. A crença de

Porque a esperança da salvação que aí encontra é a única causa da sua entrada na igreja, será também a única razão de nela permanecer. Se vier a descobrir depois algum erro na doutrina ou qualquer incongruência no culto, é necessário que a mesma liberdade com que entrou lhe faculte sempre a saída; nenhum faço é, com efeito, indissolúvel, a não ser os que se prendem com a esperança certa da vida eterna. Uma igreja congrega em si membros espontaneamente unidos em vista desse fim. (LOCKE, 1987, p. 94).

Quando analisamos o poder da igreja e investigamos a que leis ela está sujeita, percebemos a princípios que uma sociedade, seja qual for o motivo de sua constituição, por mais livre que seja, se estiver destituída de leis com certeza se dissolverá e assim também é a igreja. É necessário e importante que nela haja leis que mantenha a organização de seus membros.

Estabelecendo tempo, hora e lugar onde serão efetuadas as assembléias e para que nelas possam ser discutidos assuntos que sejam de comum importância para todos.

O propósito público de toda sociedade religiosa é o culto público a Deus e, por meio dele; a obtenção da vida eterna e este é o principal motivo da importância de se seguir e respeitar as leis e diretrizes comuns ao seguimento que escolhemos. As exortações, as admoestações, os conselhos são as armas desta sociedade, graças às quais os seus membros devem ser mantidos no dever. Se aconselhar para corrigir os delinquentes não for suficiente para trazê-los ao seio da igreja, para seguirem de forma correta o caminho da verdade, nada mais resta do que separar e excluir da sociedade os hesitantes e obstinados, que não dão esperança alguma de se salvarem.

É a suprema e a última força do poder eclesiástico, que não inflige nenhuma outra pena além desta: quebrada toda a relação entre o corpo da sociedade e um dos seus membros, que foi condenado, este deixa de fazer parte da igreja (LOCKE, 1987, p. 96).

É simplesmente uma questão de tolerância, mas nenhuma entidade religiosa é obrigada por meio desta manter em seu meio um indivíduo que apesar dos diversos avisos e conselhos continua se mantendo alheio às leis estabelecidas nesta sociedade.

E isso se atribui principalmente a fanáticos, pois nenhuma pessoa privada tem o direito de destruir bens civis de outrem sob pretexto de professar

Assim, o cuidado das almas não pode pertencer ao magistrado civil, porque todo o seu poder reside na coação, e a religião verdadeira consiste na fé interior da alma, sem a qual nada vale diante de Deus, pois sabe-se que a natureza da sabedoria e do entendimento do homem é de tal ordem que não pode nem deve ser constrangido por nenhuma força exterior.

“Confisquem-se os bens ou atormente-se o corpo com a prisão e a tortura, isso será em vão se, mediante estes suplícios, quiserdes alterar o juízo do espírito sobre as coisas” (LOCKE, 1987, p. 93).

E por fim o cuidado das almas não pode ser atribuído ao magistrado civil; porque nem mesmo que se admitisse que a autoridade das leis e a força das penas agissem de maneira eficaz na conversão dos espíritos, de nada serviriam para a salvação das almas. Pois sabe-se que a verdadeira religião é única e o único caminho que conduz às mansões da bem-aventurança, é deixar para segundo plano os decretos da sua razão e da sua consciência para abraçar cegamente os dogmas de Deus.

Estas razões, entre muitas outras, que se poderiam aqui aduzir parecem-me suficientes para concluir que todo o poder do Estado só diz respeito aos bens civis, e se restringe ao cuidado das coisas deste mundo e que não deve tocar em nada do que diz respeito à vida futura (LOCKE, 1987, p. 94).

Analisemos agora como podemos caracterizar a igreja. A igreja ao que tudo indica, parece ser uma sociedade livre de homens voluntariamente reunidos para adorar publicamente a Deus da maneira que julgam ser agradável à divindade em vista da salvação das almas.

Julga-se que a igreja seja formada por uma sociedade livre e voluntária porque ninguém nasce já fazendo parte de uma igreja, se fosse assim naturalmente ela seria classificada como um processo hereditário, o que em hipótese seria um absurdo pensar. Assim, o homem não é por natureza obrigado a fazer parte de uma igreja, ele possui o livre arbítrio para escolher e permanecer onde melhor lhe convier e cujo dogma lhe parece ser uma prática verdadeira tendo em vista um culto agradável a Deus.

Mas para que ninguém retire como pretexto para uma perseguição e uma crueldade pouco cristã a preocupação do Estado e o respeito pelas leis; para que, em contrapartida, outros em nome da religião, não busquem a licença dos costumes e a impunidade dos seus crimes; para que ninguém, quem como súdito fiel do príncipe, quer como crente sincero, imponha a si ou aos outros, julgo que é preciso, antes de mais nada, distinguir entre os assuntos da cidade e os da religião e definir os limites exatos entre uma Igreja e o Estado (LOCKE, 1987, p. 92).

Aqui temos uma clara mensagem aos que encobrem ou pensam encobrir sob as vestimentas tanto do Estado quanto de sua religião, os crimes cometidos. Atualmente temos um claro exemplo dessa falsa religiosidade no Oriente Médio, através da guerra que mata inocentes e destrói famílias dizendo ser em nome de determinada religião. Essa mesma guerra que é causada por essa mistura de Estado e religião, pois são religiosos ou que se dizem assim brigando por territórios, tenta resolver um problema que é do Estado, mascarando-o com a intolerância religiosa, das comunidades e líderes. Sabe-se que se os limites entre a Igreja e o Estado não forem estabelecidos, dificilmente tanto nessa situação como em qualquer outra semelhante, se poderá estabelecer uma solução para esses conflitos levantados entre os que empenham ou finge empenhar-se na salvação das almas ou do Estado.

Se analisarmos de uma forma consciente, chegaremos à conclusão que o Estado mais parece uma sociedade de homens constituída apenas com o fim de promover os bens civis aqui referentes são a vida, a liberdade, a integridade do corpo e a sua proteção contra a dor, a propriedade dos bens externos tais como as terras, o dinheiro, os móveis, etc.

Tudo o que vai seguir-se parece-me demonstrar que a jurisdição plena do magistrado diz unicamente respeito aos bens civis e que o direito e a soberania do poder civil se limitam e circunscrevem a conservar e a promover apenas esses bens, e que não devem nem podem, de modo algum, estender-se à salvação das almas (LOCKE, 1987, p. 92).

Pois sabemos que o magistrado civil naturalmente não tem uma maior obrigação diante das almas, sua principal função está ligada ao homem de forma a organizar seus conceitos morais e éticos. Até porque Deus não nos parece ter atribuído tamanha responsabilidade, pois ao homem não cabe a autoridade de obrigar outro homem a abraçar uma religião.

de seus bens, mutile seu corpo, sofra na prisão, passe fome, ofereça a vida pela fé, nada lhe adiantaria.

Todo sacrifício e vão se a alma não for verdadeira em sua convicção e na tentativa de corrigir opiniões. Contudo só saberemos quem está com a razão quando finalmente em processo de separação forem julgados.

Se o divórcio das seitas é de tal maneira contrário à salvação das almas, o adultério, a fornicação, a impureza, a impudícia, o culto dos ídolos e outras coisas semelhantes, não são menos obras da carne, das quais disse o apóstolo explicitamente que os que as praticam não serão herdeiros do Reino de Deus (LOCKE, 1987, p. 90).

Todo aquele que deseja para si a Cristo deve se fazer livre de todas essas práticas que para ele são ilícitas, tudo isso deve ser totalmente extirpado da vida em Cristo. Se, por ventura, alguém se manter sempre intolerante aos que não tomam parte dos preceitos de Deus, e de forma oculta mantém os vícios indignos, mesmo que tenha sempre na boca a palavra Igreja, certamente que procura outro reino e não o de Deus.

Não se deve obrigar uma pessoa a fazer um sacrifício em nome de Deus, isso o assustaria principalmente se ele ainda nem for convertido; constranger o homem e outras tantas coisas fazer para reunir multidões sem que elas mesmas não saibam o verdadeiro motivo de se estar ali, apenas se estariam fazendo uma assembléia de pessoas que, supõem-se que professam as mesmas coisas, de forma alguma uma igreja cristã.

"A tolerância a respeito dos que têm opiniões religiosas diferentes é tão conforme com o Evangelho e com a razão que parece monstruoso haver homens afetados de cegueira numa tão clara luz" (LOCKE, 1987, p. 91).

O autor deixa clara sua indignação diante dos indivíduos que não seguem ao Evangelho, aqui percebemos sua intolerância a respeito do assunto, ao chamar de cegos os que acreditam em outros seguimentos. Para ele, os excessos e fanatismos destituídos de caridade e de mansidão, são vícios que talvez sejam praticamente impossíveis de se retirar de entre meio a sociedade, e que a maioria que os pratica, procura o louvor, depois de os ocultar sob uma aparência honesta.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA

"Ilustríssimo Senhor, já que me pedis a opinião sobre a tolerância recíproca entre os cristãos, eis a minha breve resposta: é para mim o principal critério da verdadeira Igreja" (LOCKE, 1987, p. 89).

Quando Locke se refere à "tolerância recíproca", ele está destacando o que lhe parece de fundamental importância na formação de um verdadeiro cristão, ou seja, a admissão de opiniões contrárias às suas de forma mútua, pois do mesmo modo que ele respeita outras tradições, ele também espera que sua opinião e seguimento sejam respeitados. Pois se não houver esse tipo de tolerância mútua inserida na sociedade, onde as individualidades e particularidades são constantes, os desentendimentos seriam inevitáveis.

Muitos distorcem esse verdadeiro sentido da cristandade e a tornam alvo de vangloriações; não o cristianismo, mas os lugares, títulos ou mesmo o esplendor dos lugares onde os cultos são efetuados, ou mesmo a ortodoxia de sua fé, isso na realidade mais pela eterna busca por poder em que vive o homem do que a procura pelos verdadeiros sinais da Igreja de Cristo. Quem assim o faz, padece de benevolência, caridade e mansidão e mesmo estando professando a fé cristã, não podem ser considerados cristãos.

Outro critério que podemos descrever como objetivo da verdadeira religião cristã, que não está deturpada pelas oferendas exteriores, nem pelo poder eclesiástico e muito menos para a violência, é a vida na retidão e na piedade. Combatendo seus próprios vícios, o orgulho e seu amor aos prazeres, *"quem não pratica a santidade da vida, a castidade dos costumes, a bondade e a mansidão da alma, em vão procura o nome de cristão"* (LOCKE, 1987, p. 89).

De acordo com os apóstolos, ninguém é capaz de se tornar cristão, sem a caridade, sem a fé que age não pela força, mas pelo amor. O amor de Cristo não pode ser transmitido sob forma de tortura, por fanáticos que perseguem e massacram a todos que não concordam com ele, ou seja, não possui o que já foi dito no início que é a tolerância recíproca.

O homem que pretende pela fé transmitir os preceitos de Cristo deve agir pela caridade e pelo amor aos outros, do contrário mesmo que ele se desfaça

força não é igual à fé, pois a força é algo que nos é imposto, ao contrário, a fé é algo que nasce em nós, voluntariamente sem que ninguém nos obrigue a fazer algo que não concordamos e aceitamos, mas algo que desejamos. Até mesmo o próprio Deus não salva um homem sem o seu consentimento.

A tolerância caminha junto ao evangelho, pois Cristo ensinou seus discípulos a levarem sua mensagem a todos, não usando a força, a violência, mas anunciando a paz, o amor e a santidade dos costumes, que deve ser a mais tolerante de todas as tolerâncias.

PUBLICAÇÃO DA CARTA ANÔNIMA (1689)

Locke distinguiu a separação da comunidade política e a sociedade religiosa. Pois o Estado estabelece um conjunto de leis, as quais lhes dão total poder para realizar as obras públicas e cabe a sociedade cumpri-las para que haja paz e liberdade na comunidade política.

A igreja por sua vez é uma sociedade livre e voluntária que não é formada por leis naturais e que não é obrigada a cumprir imposições feitas pelos homens. Mas é a verdadeira expressão da fé e a necessidade de cultuar e louvar a Deus pelas maravilhas concedidas por Ele. A Igreja é formada por pessoas que acreditam na verdadeira religião cristã e que se preocupam apenas com a salvação de sua alma.

Ela dirige-se unicamente às almas e visa sua salvação eterna. É claro que, sendo a igreja uma comunidade, cabe a ela criar leis e normas que são necessárias para o seu funcionamento. Mas elas não dispõem de força alguma para atacar os direitos civis.

O Estado e a Igreja não devem ter nenhum laço entre si, pois o Estado está ligado apenas a este mundo e seus bens e a Igreja diz respeito apenas à salvação eterna das almas.

A tolerância é a consequência direta desta separação, já que cada Igreja é independente do Estado e não dispõe de nenhum dos meios temporais de coação que este pode acionar, já que, por outro lado, o Estado não é abrangido pelo que diz respeito à fé e à salvação das almas, sendo nestas matérias, tão ineficaz como incompetente (LOCKE, 1987, p. 50).

Locke defende a tolerância como algo intrínseco ao cristianismo. A questão da tolerância foi, durante séculos, tratada como a atitude que os governantes tinham para com as crenças e religiões minoritárias. Defendia-se que a unidade política de um país dependia em grande medida da sua unidade religiosa.

Segundo Locke (1987), é na fé que está a verdadeira e perfeita religião. É através dela que o homem é capaz de alcançar o verdadeiro entendimento. A

A RELIGIÃO DE LOCKE

Locke era religioso e tornou-se pastor, ele não critica a Bíblia, mas examina livremente as escrituras com a mesma objetividade de sua filosofia.

Nascido de uma família puritana, foi submetido muito cedo a uma disciplina de vida muito rigorosa, mais tarde ele estava na melhor e mais severa escola da Inglaterra.

Para Locke (1987, P. 43), *"cada um é livre de adorar a Deus segundo a sua consciência, com a condição de não perturbar a paz pública"* Uma Igreja, de acordo com Locke, é uma sociedade voluntária e livre com o propósito de adorar a Deus. A intensidade da adoração depende da fé que a inspira.

Locke (1987) acredita na existência de Deus, como o mais perfeito, sábio e poderoso, que orienta e rege o mundo. Para ele, Deus não está presente apenas nas revelações ou milagres, mas também pela razão e para a razão. Pois a marca visível de seu poder aparece em sua criação, que fez uma criatura racional que é capaz de refletir. Ele afirma que é a partir da nossa própria existência que algo existe desde toda a eternidade.

"E que é um espírito eterno e infinito, que fez e governa todas as coisas, cuja existência se pode demonstrar, embora a sua essência escape às operações do nosso espírito finito" (LOCKE, 1987, p.44). Sendo Deus a verdadeira razão para revelar aos homens as verdades da religião natural e da moralidade. A razão é a revelação dada por Deus a nós, tão certo como a experiência da nossa própria existência. Locke (LEITE Fº, 2003) respeita as tradições cristãs tentando dar lugar apenas à revelação divina e à fé. Para ele, cristãos eram apenas as pessoas que acreditavam que Jesus é o Messias anunciado, sendo este o credo racional de Locke.

apresenta em meio à sua cultura um grupo de crenças variando o conteúdo e a natureza da experiência religiosa.

Toda religião reconhece o sagrado e apresenta o ser humano dependendo de poderes sobrenaturais, segundo definição de Scheleirmacher (apud COMTE-SPOVILLE, 1998). A religião é predominantemente social, encontrada universalmente em todas as sociedades humanas de que há registro, desde a mais primitiva até a mais contemporânea.

O CONCEITO DE RELIGIÃO

A religião é um fenômeno presente em todas as culturas e civilizações. As diferenças entre as várias religiões derivam da maneira como cada uma concebe o mundo superior e as relações entre ele e os homens. Todas as religiões sem exceção têm em comum a seguinte estrutura:

- *História* – conjunto de narrativas orais ou escritas, históricas ou mitológicas, que versam sobre a origem da comunidade religiosa em questão, relacionando-a com a origem do mundo e com os níveis supraterrrestres de existência.
- *Ritmos* – conjunto de preceitos rituais, morais e sociais, para a consecução da finalidade de conhecer o mundo superior e obter alguma resposta material ou espiritual.
- *Tradição* – sistema coerente de linguagem, símbolos pictóricos e gestuais, que sintetizam os três primeiros itens e facilitam sua absorção pela memória da comunidade. Marcam o “estilo” da sua tradição espiritual. (LEITE Fº, 2003)

O termo *religião* pode se referir à natureza religiosa do homem, e seu estudo é mais psicológico, para ser feito em conexão com o discurso em defesa de determinado ponto de vista e com a filosofia da religião (reflexão em torno da experiência do sagrado). O termo *religiões* diz respeito aos sistemas religiosos, com seus princípios de interpretação, seus cultos, ritos e locais sagrados. Sendo a religião um sentimento subjetivo que se expressa através de atos exteriores, está relacionada à psicologia religiosa, que se ocupa dos processos psíquicos religiosos e com as forças da religião. Agostinho (354-430 d. C.), por sua vez identificou o termo *religio* com o termo *religare*, que significa ligar, apertar, atar. Os estudiosos modernos preferem a segunda opção, porque o termo *religio* muitas vezes é utilizado como *obligatio*, isto é, ação de prender-se, de se ligar, de tomar a si uma obrigação. (LEITE Fº, 2003)

A religião pode ser considerada como um meio para unir as coisas, distinguindo-as de outros meios. Uma religião é reconhecida na sociedade quando

tolerância manifesta-se freqüentemente em relação a duas situações muito distintas: como os homossexuais e a aceitação e discriminação de todas as culturas. Neste último caso, a sua negação é assumida como um empobrecimento da diversidade cultural da humanidade. Na verdade, a aceitação da identidade cultural do Outro não significa que o aceitamos como igual, nem sequer que aceitamos conviver no mesmo espaço, ou seja, "iguais mas separados".

Locke é um filósofo muito cuidadoso em relação a suas obras. Em 1689, Locke reflete e escreve sobre a tolerância, trazendo para o dia-a-dia a necessidade de tolerar um ao outro. Em seguida, empenha e desenvolve suas habilidades políticas adquirindo mais experiências. Sendo assim, sua filosofia foi amadurecendo e adquirindo um significado universal. Ele agiu de acordo com as circunstâncias apresentando suas idéias e doutrinas para melhor responder a situação do momento.

Seu projeto fundamental é o uso racional da liberdade e a sua salvaguarda, que desde os seus vinte e cinco anos, começa a adquirir uma consciência filosófica profunda de si próprio. De acordo com a ajuda da maturidade do homem e da obra, Locke percebe que só a expressão se adaptará às circunstâncias. (DUNN, 2003)

O QUE É TOLERÂNCIA?

A palavra tolerância nasceu no século XVI das guerras religiosas entre católicos e protestantes, em eu os primeiros acabaram por tolerar os protestantes e também reciprocamente. Depois, foi reclamada a tolerância em face de todas as religiões e de todas as crenças. Finalmente, no século XIX, a tolerância estendeu-se ao livre pensamento. O Estado é soberano em matéria religiosa, mas é útil à ordem pública permitir à expressão livre de todas as crenças. (MORA, 2001)

A tolerância seria a maneira de agir de uma pessoa que suporta, sem protesto, uma afronta habitual contra os seus direitos, enquanto podia reprimi-la; consiste em deixar a cada um a liberdade de exprimir as suas opiniões, mesmo quando não as partilhamos. Esta palavra tem, aliás, a vantagem de exprimir o respeito pelas crenças sob a sua forma característica e extrema, de indicar que esse respeito deve estender-se até as opiniões que se reprovam, que se julgam falsas e perigosas.

A palavra tolerância provém da palavra *tolerare* que significa etimologicamente sofrer ou suportar pacientemente. (MORA, 2001)

A tolerância sempre pressupõe um padrão de referência, as margens de tolerância é aquilo que se assume como intolerável. Enfatizando em primeira instância a ambigüidade das procedências que podem ou não podem ser consideradas ou levadas em consideração. Pois tudo de certa forma é sempre levado para o lado pessoal da situação, o que naturalmente acaba se tornando intolerável, já que o bom senso acaba na maioria das vezes sendo esquecido pelo indivíduo.

Sabemos que diante das leis os indivíduos são livres para ter suas crenças, interesses e convicções que definem o conteúdo dos seus discursos. Pode surgir como a simples aceitação das diferenças entre aqueles que toleram e o tolerado ou como a disponibilidade do primeiro para integrar ou assimilar o segundo. Podemos ser tolerantes por respeito às diferenças do Outro. Devemos mencionar as justificações teológicas da tolerância que motivadas pela fé cristã são formuladas e impostas à sociedade através de seus dogmas, criando e violentando a convicção de seus seguidores. Na nossa sociedade, este tipo de

voltou à Inglaterra, onde ficou ao lado do ex-conde, que estivera preso. Como o Cooper não era bem quisto pela corte, Locke passou a ser vigiado.

Os dois mudaram-se então para a Holanda, onde estava mais avançada a liberdade de opiniões. Locke participou dos preparativos para a expedição de Guilherme de Orange, rei da Holanda. Viaja com ele para Londres. Na Holanda ainda era perseguido. Usa nome falso e colabora com numerosos artigos em um periódico.

Em 1691 transferiu-se para um castelo em Essex, hóspede de Francis Masham e sua mulher, Damaris. O "Ensaio sobre o entendimento humano" havia sido editado em 1690. morreu em Essex em 1704. (LOCKE, 2004)

VIDA E OBRA DE JOHN LOCKE (1632-1704)

John Locke (1632-1704) nasceu em Wrington, Inglaterra. Wrington fica perto de Bristol, de onde era a família de Locke. Eles eram burgueses, comerciantes. Com a Revolução Inglesa de 1648, o pai de Locke alistou-se no exército. Locke estudou inicialmente na Westmister School. Em 1652 foi para a Universidade de Oxford. Não gostou da filosofia ali ensinada. Manifestou, mais tarde, opiniões contrárias à filosofia de Aristóteles. Além de filosofia, estudou medicina e ciências naturais. Recebeu o título de Máster of Arts em 1658. nesse período, leu os autores que o influenciaram: John Owen (1616-1683) que pregava a tolerância religiosa, Descartes (1596-1650) que havia libertado a filosofia escolástica e Bacon (1561-1626), de quem aproveitou o método de correção da mente e a investigação experimental. Interessou-se pelas experiências químicas do também físico Robert Boyle (1627-1691), que inovaram introduzindo o conceito de átomo e elementos químicos. Foi um avanço em relação à alquimia que dominou durante a Idade Média e a concepção de Aristóteles dos quatro elementos. Locke atuou nos campos de medicina, filosofia, política, teologia e anatomia. Não gostava de matemática. Redigiu em latim "Ensaio sobre a lei da natureza". Já nessa época apresentava gosto pela regra experimental, de onde deriva sua filosofia empirista.

Em 1666, Locke tornou-se médico de um futuro conde, Ashley Cooper. Participou, como assessor do futuro conde de Shaffesbury, da elaboração da constituição da colônia inglesa de Carolina, na América do Norte. Fazia parte do grupo de intelectuais da época. Foi nesse período que começou a redigir sua principal obra: "Ensaio sobre o entendimento humano", que só seria publicado em 1690. em 1668 se tornou membro da Royal Society de Londres. Em 1672 se tornou secretário do agora sim, conde Shaffesbury. Então passou a ter uma vida política ativa e efetiva. Cooper opunha-se ao rei Carlos II, que tentava fortalecer o absolutismo. Em 1675, aconteceu a queda do conde. Locke, que participara de uma série de acontecimentos políticos, foi obrigado a abandonar essa vida. Viajou então para a França, onde se relacionou com os intelectuais cartesianos. Em 1679

INTRODUÇÃO

A palavra tolerância nasceu no século XVI das guerras religiosas entre católicos e protestantes, em que os primeiros acabaram por tolerar os protestantes e também reciprocamente. (MORA, 2001)

Ao longo deste trabalho, perceberemos que a tolerância é uma atitude pela qual tendemos a compreender os erros, falhas, limitações, defeitos, etc de outras pessoas, evitando contínuas reprovações ou brigas. Ser tolerante significa poder escutar opiniões contrárias com uma atitude de respeito para com as pessoas que as expressam. Saber conviver com os defeitos de outras pessoas sem precisar apontá-los o tempo todo. Ser tolerante é uma virtude difícil; nosso primeiro impulso, até mesmo o segundo, é odiar a todos que não pensam como nós.

O filósofo empirista John Locke (1632-1704) vem através de seus estudos, explicando o problema da tolerância entre a Igreja e o Estado. Sendo a Igreja uma sociedade livre para adorar a Deus e o Estado preocupado apenas com o que está ligado a este mundo; aos bens materiais.


Locke (1987) defende a tolerância como algo intrínseco ao cristianismo. É através da fé que o homem é capaz de alcançar o verdadeiro entendimento. Sendo algo que nasce em nós voluntariamente sem que ninguém nos obrigue a fazer algo que não concordamos e aceitamos, mas algo que desejamos até mesmo o próprio Deus não salva um homem sem o seu consentimento.

Ao analisarmos o livro "A carta sobre a tolerância", compreenderemos que não é tão fácil aceitar algumas opiniões, crenças, religiões e etc. Na carta, Locke explica a formação de um verdadeiro cristão e a importância que o estado exerce sobre a sociedade.

Locke enfatiza a religião como algo prazeroso e voluntário, um caminho que possibilita ao homem alcançar a morada dos bem-aventurados.

ÍNDICE

I. Introdução.....	07
II. Vida e obra de John Locke (1632-1704).....	08
III. O que é tolerância?	10
IV. O conceito de religião.....	12
V. A religião de Locke.....	14
VI. A publicação da carta anônima (1689).....	15
VII. Carta sobre a tolerância	17
VIII. Conclusão	25
IX. Bibliografia.....	26
X. Folha de Avaliação.....	27

A detailed illustration of a cherub with voluminous, curly blonde hair. The cherub has large, expressive blue eyes and a small, pink, heart-shaped mouth. It is wearing a white, scalloped-edged halo with a large pink heart in the center. The cherub's hair is adorned with a large white bow at the top and a smaller white bow with a pink flower and a strawberry on the side. The cherub is holding a large, pink heart with a white scalloped border. The background is plain white.

“O justo deve guiar-se pelos princípios da justiça, não pelos lamentos dos injustos. Embora não seja possível tolerar tudo, pois seria condenar a tolerância à perdição, também não se pode renunciar à tolerância para com aqueles que não a respeitam.”

Comte - Sponville

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por ter permitido a concretização de mais um sonho, iluminando-me, amparando-me e me animando nas horas mais difíceis. E com isso só me resta agradecer cada segundo que por ti fui carregada, incentivando-me meu objetivo alcançar.

Senhor tão bondoso, através deste, quero te louvar pela oportunidade que me deste, este curso terminar.

Em seguida, aos meus pais, Pedro Martins e Olga Batista de Araújo, que quando o cansaço me abalava, palavras de animo e carinho, falavam. E que nos momentos mais difíceis eles sempre me incentivaram a concluir o curso que no qual eles não tiveram a oportunidade de realizar.

Aos meus colegas e professores José João, Sandro Henrique, Helena de Fátima e José Geraldo, que não poderia esquecer, pelos momentos que passamos ao longo deste curso. Em especial, ao meu orientador Sandro Henrique, que além de participar com mais freqüência da minha vida acadêmica, muito me ajudou a ampliar meus conhecimentos e a amadurecer meu intelecto.

Muitas saudades é o que sentirei, ao passar dos anos, de todos que marcaram presença em minha vida durante estes quatro anos acadêmicos.

Quero deixar aqui registrado os meus sinceros agradecimentos a todos.

DEDICATÓRIA

Dedico esse momento importante da minha vida a todos aqueles que sempre me motivaram em todos os aspectos da minha vida, valorizando meu trabalho e meu esforço em todos os âmbitos. Aos profissionais que me serviram de exemplo tanto como orientadores como amigos, que muito me auxiliaram com seus conhecimentos técnicos e vivenciais.

E também a todos que de uma forma ou de outra se fizeram presente em minha vida e contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e intelectual.

Ao professor e orientador Sandro Henrique, pelo acompanhamento paciente no estudo e pela disponibilidade oferecida a mim quando precisei.

MENSAGEM

A GRANDEZA DO MAR

Você sabe por que o mar é tão grande

Tão imenso

Tão poderoso

É porque teve a humildade de colocar-se alguns

centímetros abaixo de todos os rios.

Sabendo receber, tornou-se grande.

Se quisesse ser o primeiro, centímetros acima de todos os rios,

não seria mar, mas sim uma ilha.

Toda sua água iria para os outros e estaria isolado.

A perda faz parte.

A queda faz parte.

A morte faz parte.

É impossível vivermos satisfatoriamente.

Precisamos aprender a aprender, a cair, a errar e a morrer.

Impossível ganhar sem saber perder.

Impossível andar sem saber cair.

Impossível acertar sem saber errar.

Impossível viver sem saber viver.

Se aprenderes a perder, a cair, a errar,

ninguém mais o controlará.

Porque o máximo que poderá acontecer a você é cair, errar e perder.

E isto você já sabe.

Bem-aventurado aquele que já consegue receber

com a mesma naturalidade

O ganho e a perda...

O acerto e o erro...

O triunfo e a queda...

A vida e a morte.

Leidiany Martins de Araújo

A CONCEPÇÃO DA TOLERÂNCIA EM JOHN LOCKE

Dissertação Filosófica apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, sob a orientação do professor Sandro Henrique, como requisito avaliativo na disciplina Dissertação Filosófica II.

RUBIATABA - GO

2004

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Examinada em: 16/ 12/2004

Prof. José João Neves Barbosa Vicente
Mestre em Filosofia Política

Prof. Sandro Henrique Ribeiro
(Orientador)

RUBIATABA – GO
2004

Centro de Ensino Superior de Rubiataba – CESUR
Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER



A CONCEPÇÃO DA TOLERÂNCIA EM JOHN LOCKE

Leidiany Martins de Araújo

RUBIATABA - GO
2004

30666
særu

Tombo nº	9461
Classif.:
Ex.:	1

Origem:	d
Data:	19.02.05